

## O Cinema como Dispositivo de Formação: Marias e suas Histórias

Eixo Temático: Ações de Pesquisa, ensino e extensão voltadas para a sociedade

Fabiane Raquel Canton<sup>1</sup>  
Valeska Fortes de Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

Este texto é um recorte do trabalho desenvolvido na pesquisa de mestrado intitulada “Imaginários e experiências formadoras: o cinema vai à Escola.” Neste relato trato da experiência de formação, tendo o cinema como dispositivo. A pesquisa teve o objetivo de compreender as significações Imaginárias dos professores da educação básica sobre cinema e como este se insere na sua formação (ético-estética) enquanto docentes. Nesse contexto, objetivou-se a formação de um grupo, as Marias, que assistiu filmes e discutiu formação docente. A pesquisa buscou compreender de que maneira os professores concebem, relacionam e vivenciam seus projetos e atividades com o cinema na escola e na sala de aula; além de verificar se o cinema pode ser um dispositivo de formação continuada. Como aporte teórico, as contribuições de Castoriadis (1982) e Oliveira (2011), Nóvoa (2009), Ferry (2008) e Souto, Duarte (2002), Fantin (2008), Morin (2014) e Valle (2014). Este trabalho expôs a importância de um espaço de formação continuada mediada pelo dispositivo cinema dentro do espaço escolar, para que o professor possa discutir temas mais específicos a sua vida docente.

**Palavras-chave:** Formação docente. Cinema. Educação. Imaginário social. Educação básica

### INTRODUÇÃO

O presente texto é um recorte da pesquisa de Mestrado, intitulada “Imaginários e experiências formadoras: o cinema vai à Escola.” Neste relato trato da experiência de formação, tendo o cinema como dispositivo.

O tema Cinema e Educação permite-nos criar um cenário rico em ideias relacionadas a ele. Rosália Duarte (2002) traz-nos referências importantes acerca da relação da sétima arte com a educação, mostrando que gostar de cinema está intimamente ligado à questão familiar e à condição social dos sujeitos. No Brasil, a maioria da população que frequenta as salas de cinema é de universitários que pertencem às classes médias e altas da sociedade. Todavia, numa sociedade

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação, Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública Municipal de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul. [fabirachel@hotmail.com](mailto:fabirachel@hotmail.com)

<sup>2</sup>Orientadora. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação FUE/UFMS e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social GEPEIS/CE/UFMS. E-mail: [guiza@terra.com.br](mailto:guiza@terra.com.br)



permeada por mídias, outras formas de acesso são forjadas, o que promove a constituição de plateias através da difusão televisiva, dos cineclubes comunitários e, ainda, por intermédio do acesso à rede mundial de computadores, a internet.

Essas formas de acesso, nomeadas por Barbosa (2014) como obras audiovisuais, compreendem todos aqueles produtos de fixação ou transmissão de imagens, com ou sem som, com a finalidade de criar, por meio de sua reprodução, a impressão do movimento. Para a autora, obra audiovisual se refere aos:

processos de captação, do suporte utilizado inicialmente ou posteriormente para fixa-las ou transmiti-las, ou dos meios utilizados para a sua veiculação, reprodução, transmissão ou difusão. Isto é, o conceito de audiovisual envolve uma série de elementos, o que dificulta a definição dos atributos pelos quais elas podem ser classificadas. As classificações a que tivemos acesso parecem não dar conta da diversidade de tecnologias, de materialidade, de suporte midiático, de gênero, de estilo, de funcionalidade. Cada obra pode ser classificada a partir de um aspecto de distintos lugares (BARBOSA, 2014, p.257).

A autora entende como obras audiovisuais filmes, produzidos por qualquer tipo de mídia (cinema, tevê, DVD etc), séries, documentários, reportagens, outros programas de televisão, comerciais, músicas, entre outros. Para este trabalho, trataremos a respeito das obras audiovisuais veiculadas pelas mídias do cinema, que compreendem os filmes de longa, média e curta-metragem.

A educação está intimamente ligada ao cinema de várias formas, pois este fornece novas percepções da realidade e crescimento intelectual, na medida em que o contato com os filmes amplia as visões de mundo das pessoas. Os professores que utilizam filmes como um recurso à reflexão e como fonte de conhecimento – buscando problematizar os enredos das obras com os contextos da realidade escolar e de cada estudante – percebem o potencial disso à formação pessoal e coletiva, resultando em práticas de socialização dos sujeitos.

Nesta conversa entre o cinema e a escola, é estabelecido um espaço de aprendizado mediado pelo olhar do cinema. Neste lugar, todas as questões, por mais difíceis que possam parecer, tornam-se possíveis de discussão através dos enredos das histórias cinematográficas. Pela sétima arte, novas possibilidades se inserem em um espaço que é fértil em transformação e mudança.



O professor, sujeito-agente deste espaço denominado escola também se forma com e pelo outro. Suas percepções imaginárias a respeito do cinema na educação, na sua vida, misturam-se com a sua formação enquanto docente. Outras formas de estar juntos, assim como outras possibilidades de criação e autocriação se fazem presentes e compõem um novo cenário, a formação ético-estética.

Esta relação ético-estética com a formação se constrói quando entendemos que a experiência estética, na relação com o mundo, traz "algo", que ultrapassa nossas explicações racionais, promovendo um estranhamento (HERMANN, 2002, p. 130). Esse estranhamento pode ser provocado pelo o contato com uma obra de arte, por uma peça teatral, pela audição de uma bela canção ou por todas estas artes juntas em uma bela história cinematográfica.

A sétima arte, enquanto dispositivo de formação, pode ser capaz de transportar o sujeito para outros espaços, outras vivências, mostrando-se hábil na experiência da alteridade, evidenciando aquilo que é estranho, uma liberdade do sensível contra o embrutecimento da percepção automatizada (HERMANN, 2002, p. 131).

Nesse pensar, acreditamos ser relevante estudar quais as significações imaginárias dos professores da Educação básica acerca do cinema na escola. De que forma o cinema pode ser dispositivo de formação ético-estética para os professores e de que maneira a sétima arte, integrada ao seu espaço pedagógico, constitui ferramenta para os processos formativos dos docentes, além de investigar a relação dos professores da Educação Básica com o cinema nacional.

## **DESENVOLVIMENTO**

A pesquisa desenvolvida neste trabalho, teve como principal objetivo compreender as significações imaginárias dos professores acerca do cinema como dispositivo de formação. Para tal, foi criado um grupo de professores que assistia e discutia cinema e formação continuada.

O cinema e a escola vêm se relacionando um com o outro há muito tempo. Embora não se reconheçam como parceiros na formação geral das pessoas, são eles que, de formas não tanto similares, tratam de temas e assuntos polêmicos e

pouco falados na sociedade. Entretanto, o uso do cinema na escola foi por muito tempo uma forma de preencher um espaço ocioso ou faltoso como instrumento didático e pedagogizante.

O cinema fala da escola, desde muito tempo, os chamados "filmes de escola" (DUARTE, 2002. p. 85), na sua maioria de origem norte-americana, trazem para as telas problemas e dilemas escolares e tentam fazer a sua versão do que acontece dentro dos muros escolares. Neles são vistas possíveis soluções para os problemas referentes aos conflitos da escola, e os professores representados de forma sacerdotal e missionária.

Do mesmo modo, a escola também se utiliza do cinema de forma conteudista e didatizada. Essa relação do cinema com a educação foi marcada historicamente por práticas didáticas no contexto escolar que utilizavam o cinema como mero recurso audiovisual<sup>3</sup>. Rivoltella in Fantin (2007, p. 05), compreende a modalidade do "cinema como representação da história" e "espelho da realidade". Os filmes são levados para a sala de aula para complementar temas da ordem do conteúdo histórico ou geográfico, ou como entretenimento e diversão, um presente depois das difíceis aulas de álgebra e gramática textual. No âmbito escolar, o cinema, de modo geral, não é reconhecido como arte. Talvez, os professores, em parte, têm dificuldade em tratá-lo como linguagem. Um dos aspectos que faz com que isso aconteça é a falta de conhecimento sobre os filmes e sobre o que querem deles e com eles. Duarte (2002) nos esclarece como os filmes são entendidos no espaço escolar.

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para "ilustrar", de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis (p. 87).

---

<sup>3</sup> Na legislação brasileira, vinculada ao setor da cultura, encontramos a definição sobre produto audiovisual. Em síntese audiovisual é compreendido como aquele produto de fixação ou transmissão de imagens, como ou sem som, que tenha a finalidade de criar, por meio de sua reprodução, a impressão de movimento, independentemente dos processos de captação, do suporte utilizado inicialmente ou posteriormente para fixá-las ou transmiti-las, ou dos meios utilizados para a sua veiculação, reprodução, transmissão ou difusão. Isto é, o conceito de audiovisual envolve uma série de elementos, o que dificulta a definição dos atributos pelos quais elas podem ser classificadas. As classificações a que tivemos acesso parecem não dar conta da diversidade de tecnologias, de materialidade, de suporte midiático, de gênero, de estilo, de funcionalidade (BARBOSA, 2014, p. 257).



Para a autora, a questão referente ao não uso do cinema na escola como arte provém da falta de conhecimentos sobre cinema. Não é valoroso o saber sobre o filme, e sim sobre o conteúdo específico que cada professor trata. Dentro do espaço escolar, a obra fílmica não tem valor por ela mesma ou pelo que representa no contexto cinematográfico, mas pela questão pedagógica na qual pode ser usada para ilustrar.

Entretanto, o cinema não pode ser reduzido apenas ao aspecto didático e pedagógico. Na escola, o cinema também pode ser entendido como experimentação, território de novas aprendizagens, das diferenças, da alteridade. A experiência com o cinema faz querer se ver no outro, refletir sobre como aquela história poderia ter outras possibilidades, se ver em outras situações, outros pontos de vista. Para Larrosa (2004, p. 154), “o conceito de experiência é entendido como o que “nos passa ou o que nos acontece ou o que nos toca”

O cinema oferece-nos uma janela para que possamos olhar por ela e descobrir outros espaços ou algo que não conseguimos ver com nossos olhos. Para Fresquet (2013, p. 19), “essa janela é, ao mesmo tempo, espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível”. A autora ratifica a importância da parceria entre cinema e escola, para que um aprenda com o outro, ressignificando-os.

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos –, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções e algo da curiosidade de quem aprende e ensina (FRESQUET, 2013, p. 19-20).

Então, restaurar as emoções e sensações faz com que tanto professor quanto o aluno aprendam e se deixem ensinar pelas imagens retidas em seus olhares. Experienciar com o cinema é vivenciar, produzir saberes a partir das reflexões das imagens da tela. Para a escola, o cinema pode ser mais que só ilustração e se tornar criação.

A relação do cinema com a sociedade sugere uma integração de novos saberes e maneiras de viver no imaginário social, como a produção de identidades,





valores, aportes éticos e estéticos, comportamentos, hábitos e escolhas para vestir e comer, atitudes, tendências de novos ideais e novas ideias. Esses elementos que propõem mudanças individuais e coletivas ajudam na socialização dos indivíduos em nossa sociedade global, assim como podem servir para reafirmar identidades locais, seja pelos enunciados do cinema nacional ou regional seja pela alteridade que emerge frente ao cinema global.

O cinema e a escola vêm se relacionando um com o outro há muito tempo. Embora não se reconheçam como parceiros na formação geral das pessoas, são eles que, de formas não tanto similares, tratam de temas e assuntos polêmicos e pouco falados na sociedade. Entretanto, o uso do cinema na escola foi por muito tempo uma forma de preencher um espaço ocioso ou faltoso como instrumento didático e pedagogizante.

O cinema fala da escola, desde muito tempo, os chamados "filmes de escola" (DUARTE, 2002. p. 85), na sua maioria de origem norte-americana, trazem para as telas problemas e dilemas escolares e tentam fazer a sua versão do que acontece dentro dos muros escolares. Neles são vistas possíveis soluções para os problemas referentes aos conflitos da escola, e os professores representados de forma sacerdotal e missionária.

Do mesmo modo, a escola também se utiliza do cinema de forma conteudista e didatizada. Essa relação do cinema com a educação foi marcada historicamente por práticas didáticas no contexto escolar que utilizavam o cinema como mero recurso audiovisual<sup>4</sup>. Rivoltella in Fantin (2007, p. 05), compreende a modalidade do "cinema como representação da história" e "espelho da realidade". Os filmes são levados para a sala de aula para complementar temas da ordem do conteúdo histórico ou geográfico, ou como entretenimento e diversão, um presente depois das

---

<sup>4</sup> Na legislação brasileira, vinculada ao setor da cultura, encontramos a definição sobre produto audiovisual. Em síntese audiovisual é compreendido como aquele produto de fixação ou transmissão de imagens, como ou sem som, que tenha a finalidade de criar, por meio de sua reprodução, a impressão de movimento, independentemente dos processos de captação, do suporte utilizado inicialmente ou posteriormente para fixá-las ou transmiti-las, ou dos meios utilizados para a sua veiculação, reprodução, transmissão ou difusão. Isto é, o conceito de audiovisual envolve uma série de elementos, o que dificulta a definição dos atributos pelos quais elas podem ser classificadas. As classificações a que tivemos acesso parecem não dar conta da diversidade de tecnologias, de materialidade, de suporte midiático, de gênero, de estilo, de funcionalidade (BARBOSA, 2014, p. 257).

difíceis aulas de álgebra e gramática textual. No âmbito escolar, o cinema, de modo geral, não é reconhecido como arte. Talvez, os professores, em parte, têm dificuldade em tratá-lo como linguagem. Um dos aspectos que faz com que isso aconteça é a falta de conhecimento sobre os filmes e sobre o que querem deles e com eles. Duarte (2002) nos esclarece como os filmes são entendidos no espaço escolar,

imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para "ilustrar", de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis (p. 87).

Para a autora, a questão referente ao não uso do cinema na escola como arte provém da falta de conhecimentos sobre cinema. Não é valoroso o saber sobre o filme, e sim sobre o conteúdo específico que cada professor trata. Dentro do espaço escolar, a obra fílmica não tem valor por ela mesma ou pelo que representa no contexto cinematográfico, mas pela questão pedagógica na qual pode ser usada para ilustrar.

Entretanto, o cinema não pode ser reduzido apenas ao aspecto didático e pedagógico. Na escola, o cinema também pode ser entendido como experimentação, território de novas aprendizagens, das diferenças, da alteridade. A experiência com o cinema faz querer se ver no outro, refletir sobre como aquela história poderia ter outras possibilidades, se ver em outras situações, outros pontos de vista. Para Larrosa (2004, p. 154), "o conceito de experiência é entendido como o que "nos passa ou o que nos acontece ou o que nos toca".

O cinema oferece-nos uma janela para que possamos olhar por ela e descobrir outros espaços ou algo que não conseguimos ver com nossos olhos. Para Fresquet (2013, p. 19), "essa janela é, ao mesmo tempo, espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível". A autora ratifica a importância da parceria entre cinema e escola, para que um aprenda com o outro, ressignificando-os.

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos



–, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções e algo da curiosidade de quem aprende e ensina (FRESQUET, 2013, p. 19-20).

Então, restaurar as emoções e sensações faz com que tanto professor quanto o aluno aprendam e se deixem ensinar pelas imagens retidas em seus olhares. Experienciar com o cinema é vivenciar, produzir saberes a partir das reflexões das imagens da tela. Para a escola, o cinema pode ser mais que só ilustração e se tornar criação.

A relação do cinema com a sociedade sugere uma integração de novos saberes e maneiras de viver no imaginário social, como a produção de identidades, valores, aportes éticos e estéticos, comportamentos, hábitos e escolhas para vestir e comer, atitudes, tendências de novos ideais e novas ideias. Esses elementos que propõem mudanças individuais e coletivas ajudam na socialização dos indivíduos em nossa sociedade global, assim como podem servir para reafirmar identidades locais, seja pelos enunciados do cinema nacional ou regional seja pela alteridade que emerge frente ao cinema global.

## CONCLUSÃO

O cinema e a escola vêm se relacionando um com o outro há muito tempo. Embora não se reconheçam como parceiros na formação geral das pessoas, são eles que, de formas não tanto similares, tratam de temas e assuntos polêmicos e pouco falados na sociedade. Entretanto, o uso do cinema na escola foi por muito tempo uma forma de preencher um espaço ocioso ou faltoso como instrumento didático e pedagogizante.

O cinema fala da escola, desde muito tempo, os chamados "filmes de escola" (DUARTE, 2002. p. 85), na sua maioria de origem norte-americana, trazem para as telas problemas e dilemas escolares e tentam fazer a sua versão do que acontece dentro dos muros escolares. Neles são vistas possíveis soluções para os problemas referentes aos conflitos da escola, e os professores representados de forma sacerdotal e missionária.



Do mesmo modo, a escola também se utiliza do cinema de forma conteudista e didatizada. Essa relação do cinema com a educação foi marcada historicamente por práticas didáticas no contexto escolar que utilizavam o cinema como mero recurso audiovisual<sup>5</sup>. Rivoltella in Fantin (2007, p. 5), compreende a modalidade do “cinema como representação da história” e “espelho da realidade”. Os filmes são levados para a sala de aula para complementar temas da ordem do conteúdo histórico ou geográfico, ou como entretenimento e diversão, um presente depois das difíceis aulas de álgebra e gramática textual. No âmbito escolar, o cinema, de modo geral, não é reconhecido como arte. Talvez, os professores, em parte, têm dificuldade em tratá-lo como linguagem. Um dos aspectos que faz com que isso aconteça é a falta de conhecimento sobre os filmes e sobre o que querem deles e com eles. Duarte (2002) nos esclarece como os filmes são entendidos no espaço escolar.

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis (p. 87).

Para a autora, a questão referente ao não uso do cinema na escola como arte provém da falta de conhecimentos sobre cinema. Não é valoroso o saber sobre o filme, e sim sobre o conteúdo específico que cada professor trata. Dentro do espaço escolar, a obra fílmica não tem valor por ela mesma ou pelo que representa no contexto cinematográfico, mas pela questão pedagógica na qual pode ser usada para ilustrar.

Entretanto, o cinema não pode ser reduzido apenas ao aspecto didático e pedagógico. Na escola, o cinema também pode ser entendido como

---

<sup>5</sup> Na legislação brasileira, vinculada ao setor da cultura, encontramos a definição sobre produto audiovisual. Em síntese audiovisual é compreendido como aquele produto de fixação ou transmissão de imagens, como ou sem som, que tenha a finalidade de criar, por meio de sua reprodução, a impressão de movimento, independentemente dos processos de captação, do suporte utilizado inicialmente ou posteriormente para fixá-las ou transmiti-las, ou dos meios utilizados para a sua veiculação, reprodução, transmissão ou difusão. Isto é, o conceito de audiovisual envolve uma série de elementos, o que dificulta a definição dos atributos pelos quais elas podem ser classificadas. As classificações a que tivemos acesso parecem não dar conta da diversidade de tecnologias, de materialidade, de suporte midiático, de gênero, de estilo, de funcionalidade (BARBOSA, 2014, p. 257).



experimentação, território de novas aprendizagens, das diferenças, da alteridade. A experiência com o cinema faz querer se ver no outro, refletir sobre como aquela história poderia ter outras possibilidades, se ver em outras situações, outros pontos de vista. Para Larrosa, o conceito de experiência é entendido como o que "nos passa ou o que nos acontece ou o que nos toca" (2004, p. 154).

O cinema oferece-nos uma janela para que possamos olhar por ela e descobrir outros espaços ou algo que não conseguimos ver com nossos olhos. Para Fresquet, essa janela é, ao mesmo tempo, espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível. (2013, p. 19). A autora ratifica a importância da parceria entre cinema e escola, para que um aprenda com o outro, ressignificando-os.

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos –, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções e algo da curiosidade de quem aprende e ensina. (FRESQUET, 2013, p. 19-20).

Então, restaurar as emoções e sensações faz com que tanto professor quanto o aluno aprendam e se deixem ensinar pelas imagens retidas em seus olhares. Experimentar com o cinema é vivenciar, produzir saberes a partir das reflexões das imagens da tela. Para a escola, o cinema pode ser mais que só ilustração e se tornar criação profissional, sendo ela uma mistura contínua e intrínseca na vida do docente.

O professor se forma não só pelo que aprende na sua formação inicial, pelos cursos de formação propostos por suas redes de ensino, forma-se pela convivência com o aluno, pelo estar na escola com seu colega, pelo estar fora da escola com outras pessoas, outros espaços. Estes outros modos de formação é o que pensamos relevantes nestes tempos em que o docente não se sente mais atraído pelas formações que lhe são ofertadas. Aquelas em que se veem ouvintes de algo que, segundo eles, não é significativo para o seu dia-a-dia, seu saber fazer. Para Nóvoa (2009), existe um consumismo, um mercado de curso, e este deve ser substituído por uma formação baseada na partilha, no diálogo profissional.



O conhecimento através do sensível, por outras formas de estar junto, de compreender o espaço de formação. O cinema pode ser um dispositivo de formação quando o professor, ao assistir um filme, forma-se enquanto pessoa e também como profissional. Ao ver cinema ele pensa na possibilidade daquela obra poder ser utilizada em seu trabalho, os temas discutidos na grande tela podem refletir no processo de ensino-aprendizagem na sala de aula.

Este aprender, a partir de uma nova possibilidade de criação, a nossa própria criação, possibilita decidir sobre o que nos interessa ou não, o que nos é relevante enquanto formação e autoformação. O cinema tem esse papel, pois, através dele, muitas histórias se cruzam, muitos temas são discutidos, vidas acontecem e se transformam, a tela reinventa um novo docente. Um sujeito que se forma a partir das suas vivências enquanto ator da sua própria história, a sua vida como uma obra de arte.

## REFERÊNCIAS

Barbosa, M.C.S. Alfabetização Audiovisual: Um conceito em processo. In: BARBOSA, M.C.S.; SANTOS, M. A. dos.(Org.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**; Porto Alegre, Libretos. 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

DUARTE, R. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

\_\_\_\_\_. **O cinema de cada um**. Aula inaugural do projeto cineclube nas escolas da SME/RJ. Março, 2012.

FANTIN, M. **Mídia-Educação**: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FANTIN, M. **Crianças, Cinema e Educação**: além do arco-íris. São Paulo: Annablume, 2008.

FERRY, G. **Pedagogia de la formación**. 1. ed. 3.reimp. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2008.



FRESQUET, A. (Org.). **Imagens do desaprender:** uma experiência de aprender com o cinema. Rio de Janeiro: Booklink; CENEAD – LISE – FE/UFRJ: 2007. (Coleção Cinema e Educação)

FRESQUET, A. **Cinema e Formação:** Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GUTFREIND, C. F. *Cinema: uma forma de tradução do pensamento. In: ESCOSTEGUY, A. C. (Org.). **Cultura midiática e tecnologias do imaginário: metodologias e pesquisas. Coleção comunicação 33. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. 214 p.***

HERMANN, N. **Autocriação e Horizonte:** Comum Ensaio sobre Educação Ético-Estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores. Portugal: Porto, 1995.***

NÓVOA, A. **Professores:** Imagens do futuro presente. Lisboa: Relgráfica artes gráficas Ida, Benedita, 2009.